

PREÂMBULO

O QUE É QUE ESTE CONGRESSO TEM DE NOVO? Resposta breve em sete pontos

Reportando o leitor destas Actas para as várias circulares emitidas antes do Congresso e para o seu Livro-Guia, já editado, sintetizarei aqui apenas, de forma esquemática, aquilo que, do ponto de vista do coordenador editorial, este Congresso pretende ter de específico. O que o distingue de tantas outras realizações anteriores, locais, regionais, ou nacionais.

1. Este congresso foi longamente planificado

Tendo a ideia ocorrido em finais de 1990, começou a ser trabalhada em inícios de 1991, sobretudo através de uma primeira entrevista com colegas de Madrid, nesta cidade. Os grandes objectivos foram fixados numa circular que se principiou a difundir em Portugal e Espanha ainda nesse ano.

Partiu-se de um princípio óbvio: uma realização desta natureza e amplitude tem de ter um tempo de maturação, a mensagem tem de chegar aos destinatários contando com um período de inércia. Sobretudo em países como os nossos em que se está habituado a improvisar, o que, tendo méritos, é, sob outros pontos de vista, marca de um certo, permita-se-me a expressão intencionalmente forte, “sub-desenvolvimento” organizativo, que nos interessa sobremaneira ultrapassar.

Planificar não significa ser rígido: pretende apenas corresponder ao traçar de um projecto que terá de ser vivo, em reestruturação permanente, e capaz de acolher até ao fim as ideias úteis, mas viáveis, evitando a anarquia e o atropelo de última hora. A indisciplina é que cria o favoritismo, a não hierarquização de prioridades, o gasto inútil de tempo e de dinheiro, a perda de qualidade.

Um plano, portanto, só interessa temporariamente, como esquema, ou modelo, orientador. O que é importante é toda a interacção (de pessoas, de ideias, de projectos) que se gerou ou vier a gerar antes, durante e após este Congresso.

Assim como se iniciou em 1991, o processo só estará terminado muito depois do evento propriamente dito, em 1995, quando se publicar o 6º e último

volume de Actas. Também aqui se planificou, para facilitar, inclusivamente, os pedidos de apoio e o financiamento por parte de entidades sujeitas ao espartilho dos orçamentos anuais.

2. Este congresso teve uma selecção de qualidade

Constituída uma comissão científica portuguesa e outra espanhola (necessariamente proporcionais à dimensão dos respectivos países), estas reuniram separadamente em 1992, seleccionando as propostas de comunicação (entretanto remetidas pelos arqueólogos e outros investigadores) em três tipos: as que seriam apresentadas oralmente, as que se traduziriam num “poster” a afixar durante o Congresso, e, finalmente, as (raras) que não interessavam aos objectivos do mesmo. Previamente definiu-se que 1/3 do tempo disponível nas secções I, II, III e IV seria preenchido com comunicações sobre Portugal e 2/3 com comunicações sobre o Estado Espanhol.

E que objectivos eram aqueles? Qualidade e novidade, basicamente. Apresentar, se possível pela primeira vez, o que de melhor se tem feito ultimamente na Arqueologia ibérica, em todos os períodos ou temas, segundo todas as perspectivas metodologicamente credíveis.

O tratamento, em termos de publicação, das comunicações orais e dos “posters”, foi e continuará a ser absolutamente idêntico. Muitos contributos foram seleccionados como “poster” não porque tivessem menor qualidade do que outros, mas apenas porque talvez fossem menos susceptíveis de fomentar o diálogo; ou então porque “chegaram” até nós mais tarde e o programa já estava, então, preenchido. Aqui as dificuldades de comunicação entre as múltiplas equipas de arqueólogos ibéricos jogaram contra nós; apesar de todos os esforços, a notícia não chegou a toda a parte ao mesmo tempo e muitos apenas se aperceberam recentemente da existência ou da importância do Congresso. O que só mostra a urgência de se criar uma estrutura organizativa que ponha todos os profissionais em relação entre si e que, inclusivamente, possa servir de suporte à realização de novas iniciativas trans-nacionais.

3. Este congresso tenta eliminar fronteiras

Apesar das características comuns da nossa mundividência ibérica, tanto hoje como no passado, não tem havido um foro onde debater questões e intercambiar conhecimentos que interessam a todos os especialistas, e demais público, peninsulares, para além de fronteiras políticas, administrativas, ou outras.

À identidade por exclusão, tão frequente até hoje, não será preferível a identidade por inclusão sucessiva: se sou português ou catalão, sou também hispânico, europeu, cidadão desta península da Ásia que é a Europa, etc...? Para nós, portugueses, entendermo-nos com os nossos vizinhos peninsulares é uma

condição de integração europeia sem perda de identidade. Esta não se conquistará, decerto, por enquistamento localista (“não preciso de sair da minha aldeia para conhecer o mundo todo”) nem por desenraizamento cosmopolita, no mau sentido (o do “dandismo” intelectual que só se compraz com as novidades “que acabam de sair”, e de sensação em sensação, nada constrói). Conquistar-se-á, a meu ver, num equilíbrio e numa abertura permanente à realidade. Em cada um de nós há múltiplas facetas, e em todos nós há momentos em que se precisa de afirmar um “núcleo duro” que nos dá coerência. E o percurso constante entre os dois extremos é inevitável. Esta elasticidade exige o apagamento das fronteiras mentais. O sentirmo-nos à-vontade em qualquer ponto do mundo.

Por isso, desde logo, as fronteiras entre arqueólogos espanhóis e portugueses são absurdas, ridículas. É preciso promover acções comuns a todos os níveis, quer sejam escavações, colóquios, livros, exposições, etc. etc.!

4. A este congresso subjaz uma perspectiva abrangente

Porque procura abarcar toda a Península, em todas as épocas, segundo todos os prismas que os investigadores que no Congresso colaboram entendam utilizar. Porque integra uma sessão sobre ciências naturais e exactas aplicadas à Arqueologia, e acolhe uma *workshop* sobre radiocarbono, além de se debruçar sobre assuntos de teoria e de metodologia. Só o tempo disponível nos condicionou, no sentido de não termos possibilidade de criar mais secções ou temáticas especializadas, as quais, no entanto, poderão ser contempladas em próximos congressos, como a Arqueologia subaquática, por exemplo.

A Arqueologia, para nós, não se articula apenas com testemunhos mais ou menos remotos ou com a realização de escavações. A Arqueologia é um modo de ver. De olhar o mundo de objectos (no sentido mais amplo do termo), feitos pelo homem, que nos rodeia. Objectos esses que são imediatamente observáveis, ou que apenas se pressentem à superfície do solo, ou até que jazem no seu interior e só são revelados por métodos científicos. Que fazer com essa realidade que herdámos? Como ordená-la, como dar-lhe sentido(s)? Este o problema da Arqueologia. Não há ciência, ou ramo do saber humano, mesmo o mais empírico, com que ela não tenha que ver. Não há pessoa que lhe deva ser indiferente, a não ser por ignorância. A Arqueologia está nas calçadas em que caminhamos, nas fachadas dos prédios por que passamos, nos muros e no ordenamento dos campos que percorremos, no aspecto das serras que contemplamos, em suma, no ambiente em que vivemos e na qualidade do ambiente que temos e que desejamos ter. A Arqueologia é tão útil ou tão inútil como outra ciência humana qualquer: não cura doenças, não faz estradas, não julga processos. Mas, tal como acontece com a história ou a música, muitos de nós não poderíamos viver sem ela. Faz parte da nossa apreensão do mundo, da sua riqueza, da sua diversidade, do seu prazer.

E há cada vez mais gente que não acha graça nenhuma a apenas chegar cada vez mais depressa a um lugar igual ao anterior, como se estivesse sempre no mesmo sítio. A Arqueologia qualifica a paisagem, dá valor à viagem, vive da variedade da experiência humana plasmada no que resistiu ao tempo, e que afinal, apesar de todas as catástrofes, foi muito. Fala-nos de outras humanidades, ajuda-nos a compreender e a aceitar a diferença.

5. Este congresso é um congresso jovem

Atento à novidade, e realizando-se na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, este congresso procura que nele esteja comprometida (no bom sentido, é claro) toda a Academia, do Reitor ao estudante do 1º ano. No secretariado do Congresso e nas sessões, como autores de comunicações ou “posters”, ou simplesmente na assistência, há muitas centenas de jovens (de numerosas universidades, acrescente-se) envolvidos nesta realização.

De notar, porém, que não há aqui demagogia ou mitificação da juventude pela juventude. O que importa são as ideias criativas, vindas de que quadrante vierem. A qualidade (normalmente associada ao trabalho contínuo, mas também a alguma “genialidade”) impõe-se por si mesma, mais cedo ou mais tarde, apesar de todos os entraves que os burocratas da vida se comprazem em lhe criar, encarquilhados pela consciência da sua própria mediocridade. Sem nunca os agredir frontalmente, dando-lhes desse modo armas para mais facilmente nos cilindrar (e se possível até utilizando-os com alguma habilidade), sem nunca abrandar no esforço e na procura de rigor, há que prosseguir tenazmente, se se quiser sair da banalidade e da tendência para a periferização do nosso quotidiano. Estar no cerne das pesquisas e dos debates, lado a lado, sem complexos, com os maiores investigadores actuais com quem podemos sempre interagir, na frente onde o vento novo das ideias agita e desfaz a compostura cinzenta dos lugares-comuns, sem inveja nem despeito, mas com felicidade ao verificar o progresso dos nossos pares e alunos, eis o nosso programa. Este o espírito generoso com que se procurou animar o presente Congresso. Associando voluntarismo (sem o qual se fica parado) com realismo (sem o qual se choca no primeiro obstáculo).

6. Este congresso quer ser um congresso eficaz

A palavra eficaz não tem obviamente aqui uma conotação tecnocrática. Pretende significar uma boa adequação dos meios aos fins. Os fins são romper com a tendência para o isolamento ou regionalismo que a todos, profissionais da Arqueologia, nos afecta; articular melhor os arqueólogos portugueses com os de outras regiões da península, por forma a estimular projectos de trabalho em comum; em suma, incrementar o diálogo e o fluxo de conhecimentos e de

ideias. E publicá-los rapidamente, superando as negativas tradições de congressos anteriores que nunca viram as Actas dadas à estampa (ou só as viram parcialmente). Na época do correio electrónico, é ridículo esperar anos pela publicação do trabalho de um colega, que por vezes tanta falta nos faz.

É também importante chamar a este foro cada vez mais arqueólogos estrangeiros (interessados em trabalhar na Península, ou tão só em discutir as questões que a sua Arqueologia levanta num quadro mais vasto) e “cientistas”, detentores de saberes e do manejo de equipamentos que nos são imprescindíveis, e com os quais temos de aprender a dialogar cada vez melhor, para que o resultado não seja uma simples sobreposição dos dados deles aos nossos, mas uma verdadeira articulação. Com respeito mútuo, e sem ambições de “colonização” de umas disciplinas por outras, mas com a natural concorrência (no bom sentido) que entre todas forçosamente tem de existir. Os progressos da Arqueologia também se medem pela quantidade de análises científicas de que pode dispor e pelo número de contactos internacionais de que os seus autores usufruem.

Eficácia, sim, a todos os níveis. Sem nunca esquecer que a Arqueologia é uma ciência empírica, e que se não há carácter mais abstracto do que o daqueles “dados” que se recolhe quando se fetichisa o concreto, também não há maior miséria do que refugiarmo-nos na “teoria” só porque esta se pode fazer no ar condicionado do café, e o Estado até nem dá dinheiro para escavações. O processo, ou avança a todos os níveis, ou marcha com deficiências para avariar em breve, revelando toda a impotência de um sistema que não joga, com eficiência, em vários planos simultâneos.

Um Congresso bem organizado é um exemplo desta recusa da dicotomia teoria-prática: há que criar uma “ecologia do diálogo” favorável, ou este sairá prejudicado. Oxalá o tenhamos conseguido proporcionar aos congressistas, dentro das deficientes condições logísticas de que de momento dispomos, e que nos ultrapassam.

7. Este congresso espera ser o primeiro de uma série

Ou seja, ambiciona criar uma dinâmica em que se sinta como necessária, ao bom desenvolvimento da Arqueologia ibérica, a realização periódica de congressos do mesmo género, muito embora com figurinos adaptados aos interesses de cada momento. Esses congressos poderiam cada vez mais ser orientados para a valorização de projectos de equipas dos dois países, ou para a discussão de temas ou questões resultantes do desenvolvimento de tais projectos. Ou seja, deveriam ter objectivos e metodologia que os distinguissem claramente dos congressos nacionais de Arqueologia de cada país, isto é, que se não sobrepujassem àqueles. Poder-se-iam realizar em cidades onde existissem condições

para a sua organização, a todos os níveis, desde a presença de equipas de investigadores a condições logísticas adequadas à concentração de um grande número de pessoas.

Que estes congressos funcionem como uma espécie de “assembleia magna” dos arqueólogos ibéricos, expressando não só os resultados do seu labor, como os seus legítimos anseios científicos e de afirmação profissional, são os meus votos. E nessa designação de “arqueólogos ibéricos” permito-me aqui enlaçar, não só os jovens candidatos a tal, como os outros cientistas que trabalham em estreita articulação com a Arqueologia e lhe prestam relevantes serviços, como ainda os colegas de outros países que escolheram ou venham a escolher a península como campo de trabalho. A ciência é inimiga dos particularismos, dos compartimentos estanques, dos privilégios dos já instalados, dos feudos de qualquer espécie, dos bloqueios burocratizantes. Mantendo os direitos de todos, através do diálogo, que nem sempre é fácil, mas é a única via para o entendimento e para o trabalho frutuoso em comum, almejamos, sem ingenuidade mas prestando o nosso contributo, criar um espaço aberto que, a prazo, a todos beneficiará. Pelo prazer e pela felicidade de “projectar passados” desta multiforme terra ibérica.

Não posso terminar sem um agradecimento a todas as entidades, individuais ou colectivas, que contribuíram para o bom êxito desta iniciativa. Permita-se-me destacar, sem esquecer as restantes, os secretários gerais para Espanha, Profs. Rodrigo Balbín Behrmann e Primitiva Bueno Ramirez, da Universidade de Alcalá de Henares, que desde o início prestaram a sua melhor colaboração a partir de Madrid, e a Reitoria da Universidade do Porto e Direcção da sua Faculdade de Letras, que nos serviram de acolhedores anfitriões.

Porto, Outubro de 1993

Vítor Oliveira Jorge

Secretário-Geral do Congresso para Portugal